

# Tectónica e técnica em projecto e construção do habitar

Ricardo Caetano de Freitas\*

p. 33-38

Observamos continuamente, tal como afirma Ignasi Solá-Morales em – “A obra arquitectónica na era da sua reprodutibilidade técnica”<sup>1</sup> (1972) – com base no artigo de Walter Benjamim (1936), sobre a convicção da morte da Arte, que a tecnificação da Arquitectura, fruto das novas condições de produção, rompe com a outrora unidade prática da arquitectura desde o projecto à obra acabada, sobretudo a partir da autonomização disciplinar resultante da divisão entre a Arquitectura (como disciplina de tradição *Beaux Arts*) e a Engenharia (como disciplina eminentemente técnica na tradição da anterior Engenharia Militar e que a fundação da *Ecole de ponts et chaussées* em 1747 é o primeiro sinal).

De facto, o processo de construção é hoje ainda mais complexo, e a sua crescente industrialização aliada à velocidade de resposta às necessidades, ou vontades, de construção, pode produzir uma certa alienação das preocupações arquitectónicas não só da construção, mas também, e principalmente, das preocupações sociais e éticas para com as populações e o seu sentido de pertença do lugar.

Nesta perspectiva, e considerando os caso da realidade dos continentes Africano e Sul-Americano e a sua urgente necessidade de dar resposta ao problema da habitação para estratos económicos muito desfavorecidos, propõe-se abordar a temática do Projecto e da Construção pelos olhos da cultura tectónica.

Propõe-se um recuo na história, como a entende Fernando Távora “na medida em que pode resolver os problemas do presente”<sup>2</sup>, por paralelismo com a convicção da necessidade de revisão do processo de construção do habitar, tentando contribuir para o enriquecimento do debate teórico da nossa própria contemporaneidade.

O momento pós “Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal”<sup>3</sup>, de aproximação ao realismo social e aos problemas concretos da sociedade, consequentemente mais humanizado, é feito a partir da exploração dos materiais e técnicas locais, que acreditamos não ser apenas por escassez de recursos e economia de meios, mas sobretudo, como sentido ético do local e seus recursos e enquanto possibilidade de correcção da perda do lugar, identidade e comunidade, gerada pela globalização do estilo, materiais e técnicas, e consequente arbitrariedade do lugar do homem no mundo.

\* Universidade Lusíada.

<sup>1</sup> Solá-Morales, Ignasi de; “A obra arquitectónica na era da sua reprodutibilidade técnica”; in *Diferencias*, Barcelona, GG, 2003.

<sup>2</sup> Távora, Fernando; “O problema da casa portuguesa” (1947), pag. 7.

<sup>3</sup> Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal, realizado entre 1955 e 1960, publicado em 1961.

O discurso sobre a terceira via do Moderno, exponenciado no ensaio de 1983 por Kenneth Frampton, “perspectivas para um regionalismo crítico”, propõe que o fenómeno da universalização e o problema da arquitectura concebida e percebida como uma moda efémera, possa ser contrariada com a alternativa de uma Arquitectura autêntica, baseada nos dois aspectos essenciais da disciplina: a consciência do lugar (orientação, clima, topografia, relação com a envolvente, etc.) e a Tectónica, “capaz de condensar o potencial artístico da região e, ao mesmo tempo, de reinterpretar as influências culturais vindas de fora”, permitindo simultaneamente “ser moderno e voltar à origem”<sup>5</sup>.



Mais do que uma abordagem regional, de tom paroquial, K. Frampton procura encontrar a inteligência que se perdera no mundo que avança ferozmente, evocando a importância do lugar e a necessidade de salvaguarda dos materiais e práticas locais enraizadas no “saber construir”, baseado num discurso protocológico (que engloba naturalmente as

diferentes facetas – económico, ambiental e social), de origem fenomenológica que produziu e pode ainda produzir horizontes mais democráticos para a Arquitectura, em especial em estratos económicos muito desfavorecidos.

Nuno Portas e Carlos Duarte no prefácio da revista *Arquitectura* nº60 (1957), confirmavam a importância de “definir, claramente, uma atitude realista (...) refutando a actualidade de uma arte pseudo-universalista, purista abstracta, desinteressada do aprofundamento das condições específicas do meio (...)”<sup>6</sup> “relançando na moderna Arquitectura portuguesa o uso de materiais tradicionais, sem ignorar a riqueza contida nas novas tecnologias, desenvolvendo um método de projectar aberto (...) Esta nova posição projectual, baseava-se na utilização dos condicionanismos e das limitações de cada projecto, que deixavam de constituir um obstáculo, transformando-se, pelo contrário, no tema central, em volta do qual se constitui o (próprio) projecto”<sup>7</sup>. Propõe-se por isso uma atenção especial à vertente construtiva, a partir do entendimento de que a tecnologia aparte do ponto de vista económico e instrumental, deverá operar também na construção de significado como gerador de novas percepções, de modo a contribuir para o forçar de uma nova atitude crítica sobre a construção como uma dimensão ética no desenho de Arquitectura.

O ambiente de experimentação, mas de resistência e revisão ao modernismo (estilo internacional), e a afinidade neo-realista que a Arquitectura portuguesa atravessou, não manifesta uma rejeição ao moderno mas antes um simultâneo regresso às origens que abre caminho a opções mais humanizadas e atentas a essas origens e que não é exclusivamente português, “tem antecedentes na Finlândia, com figuras

<sup>4</sup> FRAMPTON, Kenneth; “Introdução ao Estudo da Cultura Tectónica”. Associação dos Arquitectos Portugueses, Lisboa, Contemporânea Editora, Matosinhos, 1998.

<sup>5</sup> Barata, Paulo Martins; in *Conferência* “Discursos (Re)visitados – Ciclo de Vídeo – KENNETH FRAMPTON”; 02 Março 2010.

<sup>6</sup> Portas, Nuno; Duarte, Carlos; in AA/VV; *Arquitectura*, 2ª série, nº60, Lisboa, 1957.

<sup>7</sup> Tostões, Ana; “modernização e regionalismo 1948-1961”, in AA/VV; *Arquitectura do Século XX – Portugal*, Lisboa, DAM Prestel Frankfurt am Main, Centro Cultural de Belém, 1998.

como Aalto, ou em Itália, com Rogers, Gardella, entre outros, e mais tarde com Gian Carlo de Carlo, na Grã-Bretanha, com os Smithsons, Stirling ou Gowan, em Espanha, com Coderch, ou no próprio Corbusier, que tinham, de maneiras diferentes, aberto caminho no sentido de se repensarem os ensinamentos do caminho moderno”<sup>8</sup> e as alternativas do futuro da profissão.

No entanto, o que nos parece mais relevante quando falamos deste discurso proto-ecológico, (cada vez mais actual nas abordagens bioclimáticas com critérios passivos de sustentabilidade) e considerando os aspectos de escassez de recursos (material, mão de obra qualificada e tecnologia de construção), são os exemplos com pretensão a uma

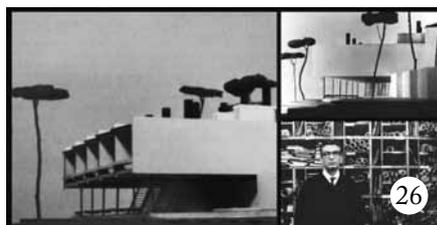


reeducação do processo construtivo pela extracção dos componentes mais banais e presentes em qualquer construção popular que, por recombinação, têm na escassez e na precariedade de meios, a própria possibilidade de expressividade e emancipação. Considera-se exemplar nesta abordagem, o grupo Arquitectura Nova.

Certamente com influência de Le Corbusier, sobretudo da fase onde este explora variações sobre a arquitectura vernacular terceiro mundista e adopta materiais brutos (como o tijolo e o betão aparente), num Corbusier “despido” do supérfluo de que são exemplo a casa Jaoul (1954-56), só possível por dispor de mestres construtores argelinos e a sua técnica de construção de abóbadas, ou a casa Shodam (1956) em Ahmedabad com mestres indianos, e que é de igual importância na revisão do moderno em Portugal, juntamente com outras figuras como o catalão Josep Antoni Coderch, cuja aproximação às condições construtivas locais, são também exemplares, como se verifica na urbanização Torre Valentina (na Costa Brava – 1961) onde a modulação é definida pela dimensão das vigotas pré-esforçadas disponíveis no mercado.

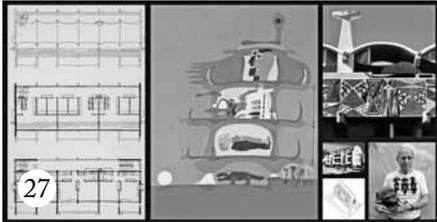
Coderch afirma como princípio, a exigência de afrontar a criação arquitectónica desde uma responsabilidade ética, num sentido que implica oferecer construções surgidas de uma atitude intelectual fundamentada na dignidade espiritual do humano e na subordinação do ego à procura da excelência.

Também em Moçambique, na obra mais emblemática de Pancho Guedes – “o leão que ri” (1954-55) é legível uma certa leitura de contenção estrutural pela rigidez da modulação, sem que isso implique a perda do “justo equilíbrio entre a sua

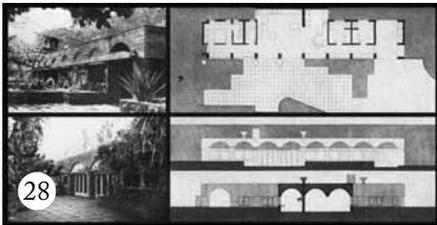


<sup>8</sup> Fernandez, Sérgio; “arquitectura portuguesa 1961-1974”, in AA/VV; Arquitectura do Século XX – Portugal, Lisboa, DAM Prestel Frankfurt am Maim, Centro Cultural de Belém, 1998.

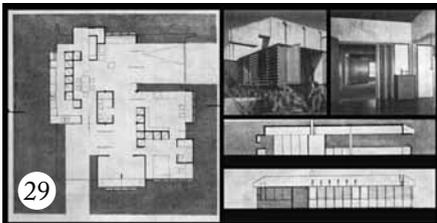
vontade de modernidade «africana» (por referência com as máscaras e pinturas *naifes* moçambicanas), e o surrealismo, o expressionismo, a ambição escultórica e a capacidade de espacializar (e construir) sonhos, visões, grafismos (...)»<sup>9</sup>.



O trabalho do grupo brasileiro “Arquitetura Nova” de Sérgio Ferro, Flávio Império e Rodrigo Lefèvre, que os próprios definem por “poética da economia”<sup>10</sup> explora precisamente a optimização dos procedimentos com o objectivo de aumentar o desempenho de produção e o acesso e democratização da arquitectura, a partir de sistemas de construção simplificados, modulares, muitas vezes em sistema de auto-construção, com materiais em bruto e sem revestimento, com caixilhos produzidos em estaleiro de obra, etc., enquanto preocupação em criar um processo voltado para reduzir o custo de obra, objectivando a sua socialização tanto material como intelectual.



São exemplo as casas Simon Fausto (1961) pela inserção no contexto (cobertura ajardinada), pela rígida modulação e sistema construtivo adoptado, tal como na casa Boris Fausto (1961) onde os próprios armários respeitam uma modulação comercial standard e cuja solução de painéis deslizantes potenciam a flexibilidade dos espaços, ou ainda as casas Marietta Vampré (1961), Pery Campos e Dino Zammataro (1970), entre inúmeras outras, onde exploram as abóbadas parabólicas com sistema de assentamento similar a uma parede tradicional de tijolo sempre na perspectiva de reduzir o custo de obra sem reduzir, aliás pelo contrário aumentar, a qualidade arquitectónica, ou recor-



rendo à expressão que Alberto Campo Baeza utiliza: “Do more with less”<sup>11</sup> – Fazer mais (arquitectura) com menos (meios).

O recurso às casas/moradias de classe média alta, permite confirmar que a acção da economia de meios / poética da economia é livre e não forçada, correspondendo a uma posição crítica sobre a prática construtiva.

De resto, esta é ainda hoje a realidade observável em países a sul do deserto do Sahara, onde se trabalha em condições que são substancialmente diferentes das condições de trabalho dos arquitectos e urbanistas do mundo industrializado ou desenvolvido, e

<sup>9</sup> “edifício residencial «O leão Que Ri» Maputo (Moçambique) 1954-1955”; in AA/VV; *Arquitetura do Século XX – Portugal*, Lisboa, DAM Prestel Frankfurt am Maim, Centro Cultural de Belém, 1998.

<sup>10</sup> Expressão dos autores Sérgio Ferro, Rodrigo Lefevre e Flávio Império no texto que acompanha a apresentação dos seus projectos publicados em 1965 na revista *Acrópole*, n. 319, p. 23-44.

<sup>11</sup> Baeza, Alberto Campo; “Works & Projects”; ed. GG; Barcelona; 1999.

cuja “adopção sistemática de valores e de formas importados de outras culturas, sociedades, climas e ambientes técnicos criaram, e continuam a criar aberrações, e a impor uma disciplina espacial e uma arquitectura que, em muitos casos, agrava as já dramáticas condições de vida da população urbana. (...) Nestas condições é fácil compreender a necessidade de uma simplificação dos processos e de uma estrita economia de materiais como condições fundamentais para uma arquitectura possível na (nossa) região. Tecnologias alternativas, também conhecidas como “doces”, “intermédias”, “básicas”, etc. são um importante campo de pesquisa e podem, dentro de certos limites, ajudar a resolver alguns problemas.”<sup>12</sup>



É com recurso ao momento temporal que mais claramente abordou os problemas reais de democratização da Arquitectura e os problemas sociais, rejeitando a arquitectura como artigo de luxo, que se entende que “nenhuma inovação abandona a antiquíssima razão”<sup>13</sup> e que “hoje, a inovação, de tão invocada em vão (...) corre o risco de se tornar numa palavra vazia.”<sup>14</sup>, considerando-se que esta perspectiva poderá contribuir para o repensar dos caminhos de modernização do tecido habitacional de países em vias de desenvolvimento como Angola, Moçambique ou Guiné-Bissau, e cuja necessária modernização e democratização do acesso à habitação não deverá sacrificar uma consciência do lugar e de identidade como povo.

Nesta perspectiva, a ética no projecto e tectónica da construção a que aludimos, procura traduzir o acto de (bem) construir o suporte físico do habitar, (entendido como habitat, segundo Martin Heidegger), em detrimento do acto de auto-satisfação da criação arquitectónica objectual ou meramente técnica.

Identificam-se por isso múltiplas vertentes da construção em Arquitectura – material e formal, mas também social e ética, com resultado em que a construção material é um “instrumento para conceber e não uma técnica para resolver”, e está intimamente ligada com a função ética que para além das questões de resistência, durabilidade e eficácia, ainda mais pertinentes quando consideramos as limitações económicas dos destinatários de estratos económicos muito desfavorecidos, remetem para um tipo de comportamento entre o arquitecto e a sociedade onde interage – a consciência social da profissão.

### Referências bibliográficas:

- AA/VV, – “Arquitectura do Século XX – Portugal”. Lisboa, DAM Prestel Frankfurt am Maim, Centro Cultural de Belém, 1998.
- “Arquitectura y Técnica”. Buenos Aires, Nobuko, 2008.
- “ra – revista de arquitectura”, ano1, nº0, (nº único), Porto, FAUP, outubro 1987.

<sup>12</sup> Forjaz, José; in “Entre o adobe e o aço inox – Ideias e Projectos”; Editorial Caminho; 1999.

<sup>13</sup> Vieira, Alvaro Siza; in “Alvaro Siza, Scritti di Architettura, ed. Skyrá, 1997, p. 97.

<sup>14</sup> Morais, Carlos Campos; os textos por Alvaro Siza, Civilização Editora, Porto, 2009, p. 7.

- ARANTES, Pedro Fiori – “Arquitetura nova – Sérgio Ferro, Flávio Império e Rodrigo Lefèvre, de Artigas aos multirões”; São Paulo; Editora 34; 1ª edição, 2002.
- BEIM, Anne – “Tectonic Visions in Architecture”. Copenhagen, Arkitektens Forlag, 2004.
- FERNANDEZ, Sérgio – “Percurso, Arquitectura Portuguesa, 1930/1974”. Porto: edições FAUP, 1988.
- FIGUEIRA, Jorge – “Escola do Porto: Um mapa crítico”. Coimbra, e|d|arq, 2002.
- FORJAZ, José – “Entre o adobe e o aço inox – Ideias e Projectos”; Editorial Caminho; 1999.
- FRAMPTON, Kenneth – “Introdução ao Estudo da Cultura Tectónica”. Associação dos Arquitectos Portugueses, Lisboa, Contemporânea Editora, Matosinhos, 1998.
- HARRIES, Kartsten – “The ethical function of architecture”. Massachusetts, MIT, 1998.
- PORTAS, Nuno – “A Arquitectura para Hoje”. Lisboa, Livros Horizonte, 2008.
- “A responsabilidade de uma novíssima geração no movimento moderno em Portugal”. *Arquitectura*, n.º 66. Lisboa, Novembro/Dezembro, 1959.
- SOLÀ-MORALES, Ignasi de – “Inscripciones”. Barcelona, GG, 2003.
- TAVARES, Domingos – “Os Anos do Inquérito”. In “António Meneres: dos anos do Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa”. Porto, edições FAUP, 2006.
- TÁVORA, Fernando – “O problema da casa portuguesa”. Lisboa, cadernos de arquitectura, 1947.
- KOURY, Ana Paula – “Arquitetura Nova – Flávio Império, Rodrigo Lefèvre, Sérgio Ferro”. São Paulo, Romano Guerra Editora / Edusp / Fapesp, 2004.